

NOMES DE LUGAR: CONFIM

Author(s): Massimo Cacciari

Source: *Revista de Letras*, Vol. 45, No. 1 (2005), pp. 13-22

Published by: UNESP Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho

Stable URL: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/26459823>

---

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact [support@jstor.org](mailto:support@jstor.org).

Your use of the JSTOR archive indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <https://about.jstor.org/terms>



JSTOR

UNESP Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho is collaborating with JSTOR to digitize, preserve and extend access to *Revista de Letras*

## NOMES DE LUGAR: CONFIM<sup>1</sup>

Massimo Cacciari<sup>2</sup>

- RESUMO: Neste artigo, estudamos o conceito de confim e sua relação com o tempo presente.
- PALAVRAS-CHAVE: Confim, espaço, globalização, limite, lugar

*Confim* se pode dizer de muitas maneiras. Em geral, o termo parece indicar a “linha” ao longo da qual dois domínios se tocam: *cum-finis*. Dessa forma, o confim distingue, tornando comum; estabelece uma distinção determinando uma *ad-finitas*. Fixado o *finis* (e em *finis* ressoa provavelmente a mesma raiz de *figere*), “inexoravelmente” se determina um “contato”. Mas – antes de desenvolver essa idéia essencial, que concrece na nossa linguagem – entendemos por confim *limen* ou *limes*? O limen é a soleira, que o deus Limentinus

---

<sup>1</sup> Original em italiano: “Nomi di luogo: confine”, publicado em Revista *aut aut*, 299-300, setembre-dicembre 2000, Milano, p.73-79. Traduzido para o português por Giorgia Brazzarola e revisado por Silvana Gaspari.

<sup>2</sup> Massimo Cacciari, nascido no ano de 1944 em Veneza, é um filósofo que possui uma ativa participação na vida política italiana. Como fruto de sua militância na esquerda italiana foi deputado no parlamento, entre 1976 e 1983, e prefeito de sua cidade natal entre 1995 e 2000. Professor de Estética na Università Vita-Salute San Raffaele, é membro de várias instituições filosóficas européias, sendo uma delas o *Collège de Philosophie de Paris*. O centro de sua reflexão filosófica se coloca na crise da racionalidade moderna. De sua obra, praticamente inédita no Brasil, destacamos *Krisis* (1976), *O ícone da lei* (1985), *Homens póstumos* (1989), *O anjo necessário* (1986), *Do início* (1990), *Diálogos sobre a solidariedade* (tradução brasileira de 2003), *Da coisa última* (2004) (N. do E). E-mail: uhsr.presidentefilosofia@hsr.it.

guarda, o *passo* através do qual se penetra em um domínio ou se sai dele. Através da soleira, somos acolhidos ou *e-liminados*. Ela pode se dirigir ao “centro”, ou abrir para o *o-limite*, para aquilo que não possui forma ou medida, “onde” fatalmente nos perderíamos<sup>3</sup>. Limes é, ao invés, o caminho que circunda um território, que engloba sua forma. Sua linha pode ser oblíqua, por certo (*limus*), acidentada, todavia, ela equilibra, de uma certa forma, o *perigo* representado pelas soleiras, pelos passos, pelo limen. Onde bate o acento quando dizemos confim, *limite*: sobre o *continuum* do limes, do espaço de confim, ou sobre a “porta aberta” do limen? E, todavia, não pode existir confim que não seja limen e ao mesmo tempo limes. A linha (*lyra*) que abraça em si a cidade deve ser tão *bem fixada*, deve representar um *finis* tão forte, para condenar aquele que venha a ser *e-liminado* ao *de-lírio*. Delira aquele que não reconhece o confim ou quem não pode ser acolhido por ele. Mas o confim nunca é uma *fronteira* rígida. Não somente porque a cidade deve crescer (*civitas augescens*), mas porque não existe limite que não seja “quebrado” por *limina*, e não existe confim que não seja “contato”, que não estabeleça também uma *ad-finitas*. Em suma, o confim foge de toda tentativa de determiná-lo univocamente, de “confiná-lo” em um significado. O que, pela raiz do nome, deveria nos aparecer solidamente fixado (como os ermos do deus Termine nos confins dos campos), se revela, *por fim*, indeterminado e inalcançável. E assim é maximamente por aqueles “imateriais” confins que fazem “tocar” consciente e inconsciente, memória e olvido...

A dificuldade de definir confim, porém, não pode fazer com que se pare de tentar. O confim não é *e-liminável*. Necessária se torna a nossa busca por um lugar onde poder

---

<sup>3</sup> O *o-limite*, *apeiron*, é condição originária do aparecer dos lugares. Sua idéia é análoga à de *chora*, do ‘lugar’ de todas as coisas que têm origem (*Timeo* 52 b). O *Raum*, o espaço enquanto *Freigabe von Orten*, libera doações de lugares, de Heidegger, o espaço como *criar-espaço* aos lugares, lembra, de uma certa forma, essa idéia. Mas nos limites do presente escrito não se poderá enfrentar a relação *topos-chora*, nem todos os problemas que o seu repensar cria em Heidegger.

permanecer, que um limes possa custodiar. Nós construímos - edificamos para corresponder a essa necessidade. Nenhum "nomadismo" pode reduzi-la ao silêncio: os nômades levam consigo o próprio lugar, que é o *tapete*, na riqueza de seu simbolismo<sup>4</sup>. Eles entram no tapete como nós entramos (entrávamos?) em casa. Também um objeto, um "talismã", pode exercer o papel de lugar, acompanhar o nômade e definir, em qualquer lugar, o *Lebensraum*. Essa necessidade não é suprimível, mesmo assim satisfazê-la parece uma árdua tarefa. Não podemos morar (e então edificar) - não temos *ethos* - enquanto não traçamos confins, mesmo assim parece impossível defini-los rigorosamente.

Parece haver uma preciosa **marca** na *Física* de Aristóteles que nos permite desenvolver a nossa aporia. A idéia de confim, de fato, reconduz, como vimos, àquela de lugar; o confim define, mesmo que problematicamente, um lugar. Mas o que é *lugar*? Necessariamente, quem se ocupa da *physis* terá que buscar uma definição dele. "Todos de fato acreditam que as coisas que são sejam em algum onde (*pou*)" (208a, p.29). Pertence ao ente "residir" em um *topos*. Mas saber o que seja *topos* é questão da maior dificuldade, é uma busca sem fim de "muitas aporias" (208a, p.32-33). Mesmo se parece ter dimensões, *topos* não é matéria ou corpo (209a, p.16-17), e nem mesmo será forma (já que é evidente que os corpos não assumem a própria forma em virtude dos lugares onde se encontram), e nem mesmo é princípio ou fim do movimento. Será que os entes se encontram em um lugar como corpos num vaso? A relação entre entes e lugar é representável como aquela entre um continente e aquilo que ele contém? (209b, p. 28-30). Mas os corpos não "se chocam" contra o lugar, como os objetos em um vaso. Continente e conteúdo são de natureza diferente, mas não parece ser a mesma coisa na relação entre coisa e lugar. Nem podemos afirmar que o lugar seja o intervalo entre conteúdo e

---

<sup>4</sup> Existem páginas belíssimas sobre o tapete como moradia, em relação ao tema fenomenológico geral do *Lebensraum*, S. Bettini, "Poetica del tappeto orientale", em *Tempo e forma. Scritti 1935-1977*. Quodlibet, Macerata, 1996.

continente (um *diastema* com papel de *metaxy*, 211b, p.7-8), pois esse intervalo ou não existe ou é continuamente “superado” pelo movimento da coisa. Resta somente, então, uma noção possível de topos: ele é o limite (*peras*) do continente, mas enquanto este *toca* de i-mediato (sem *diastema-metaxy*) o conteúdo (212a, p.6). O lugar, isto é, *são* as próprias extremidades em i-mediato contato, *ta eschata* (212b, p.8). Isso resulta na impossibilidade de definir o lugar sem referência ao corpo; não existe nenhum topos “desabitado”, porque a sua noção implica o *eschaton* do ente que insiste nele. *Topos* não poderá, por isso, se entender como uma extensão uniforme, equivalente, vazia, nunca poderá se confundir com uma idéia *a priori* de espaço.

Mas como conceber aquele contato entre *eschata*? Seria possível entendê-lo como uma linha imóvel? Já se viu como não se sustenta a comparação com o vaso. Os entes não definem o próprio confim chocando-se contra ele, como se se tratasse de um muro impenetrável, abstratamente separado por eles. Cada ente é certamente fechado em um seu limite, mas é no seu movimento que esse limite, esse *extremo* ou *último* do ente toca outras extremidades. O continente não é outro que o *eschaton* do outro corpo. Passo a passo o lugar se define no *con-fim* do contato entre os corpos, onde cada um é, ao mesmo tempo, conteúdo e continente, limitante e limitado. *Topos* aparece, então, como um outro nome para dizer o limite extremo do ente, o ponto ou a linha onde ele entra em relação com o outro de si, onde ele “se oferece” integralmente ao contato com o outro.

Mas, se é assim, o lugar não é senão o próprio confim, a *orla* extrema do ente, ou seja, o seu *fim comum* com o outro de si. Não podemos definir o lugar senão como *eschaton* do ente, isto é, como seu confim. O confim é a essência do lugar. O lugar é onde a coisa faz experiência do próprio limes, da linha que a contém, mas que, ao mesmo tempo, contendo-a, a coloca em relação. O lugar é onde a coisa “torna-se” contato e relação. Mais uma vez, a linguagem sabe “pensar” esse problema. Não chamamos de *topos* o tema fundamental de um discurso? Não chamamos *topoi* aqueles lugares de uma tradição, onde ela parece concentrar o próprio *último* significado? Não é *topos* o *eschaton* ou o *akme* de uma for-

mação cultural? E desta forma a palavra alemã *Ort* designava originalmente a ponta, a extremidade, a quina de um objeto, ou aquele lugar, aquele país que estão no último confim de um território. Lugar é “onde” o lugar termina, e o lugar tem seu *fim* onde os entes que contém chegaram aos seus limites, se apresentam segundo as suas figuras extremas. Por isso, o confim não delimita um lugar pelo externo, como alguma coisa que contém os entes (como um continente, ou seja, um vaso); o confim constitui o lugar. O lugar insiste-consiste no seu confim; ele é, por assim dizer, concebível somente do ponto de vista *escatológico*.

*Topos* é o “onde” voltado para o próprio confim. A topologia, então, não é separável da “tropologia”. Definir o lugar é descrever o movimento dos entes nele “contidos” ao seu *eschaton*, sua *conversio* ao próprio último limite.

*Da-sein*, ser-aqui, significa ser-para, serem-voltados à última borda de si, ser pelo próprio fim. *Topos et tropos convertuntur*.

Mas o fim é con-fim, o contato com o outro. O extremo limite de um ente, isto é, que maximamente o define, é também o *comum*, o que ele tem de essencialmente comum com o outro de si. Nenhum confim, então, pode fechar o lugar. Nenhum confim pode *e-liminar* o outro ou excluí-lo, porque o implica na sua própria essência. Que o nome *topos* seja confim significa que ele é termo de relação, ou melhor, *nomen agentis*: lugar é o voltar-se dos entes ao seu próprio *eschaton*. Verifica-se como não podemos evitar o limite do nosso próprio corpo quando este voltar-se tem fim no *próblema* do outro, no comparecer do outro que nos *toca*, e que de nenhuma maneira podemos evitar.

Exatamente porque o lugar “está” no confim, nenhum lugar é abstratamente separável. No ser-confim o lugar torna-se *limen*. Se o lugar envolvesse a própria soleira, murasse o seu *confinium*, e então não soubesse reconhecer no outro o *con-finis*, o que é próximo confinando, o *ad-finis*, o lugar não seria mais lugar. Eliminando o confim-contato, elimina-se o lugar. A idéia de que o lugar possa se definir por exclusão se remete, com evidência, à sua imagem como vaso, continente, algo de separado dos corpos que o habitam e de seus movimentos. Mas o lugar não pode ser entendido como a

orla extrema desses corpos, *eschaton* que sempre subsiste, mesmo se continuamente lhe muda o desenho, *eschaton* em i-mediato contato com um outro extremo, com a *ponta* de outros corpos, necessariamente arriscando a relação com eles.

Por isso, quanto mais nítida se desenha a linha de contato, o confim, quanto mais ele é soleira, é limen. Nenhum corpo pode transgredir o próprio limite, sair de si, mas é o confim a fugir de toda rígida determinação, o contato para recusar todo significado unívoco. Não são os corpos a transgredir, mas é o próprio confim que sempre transgride. A transgressão é o modo de ser do confim, já que o confim implica *polemos* entre os diferentes (segundo todas as possíveis acepções de *polemos*) – mas o confim sempre se determinará novamente, exatamente porque os corpos não podem ultrapassar o próprio *eschaton*. O confim não é transgredível, pois é transgressão.

Situação difícil e paradoxal: não temos outra maneira para corresponder à necessidade original de habitar um lugar próprio, que concebê-lo *ao limite*, como confim. E o confim é *através* do que se produzem relações e conflitos, através dele o lugar é constantemente colocado em perigo, ou seja, *recolocado no caminho*. Fixar o lugar procurando fechar-lhe o confim não curará o nosso habitar do perigo, não constituirá nenhum seguro *ethos*, mas exatamente o contrário. Fechar o lugar não é, de fato, protegê-lo ou defendê-lo, mas anulá-lo, significa violentar-lhe a natureza e o próprio *étimo*, não reconhecê-los. Todas as tentativas voltadas a “fortificar” o lugar, longe de torná-lo seguro, golpearão mortalmente todo habitar, já que um lugar que define por exclusão de outro, que não quer que o outro o *toque*, que exige o seu confim *immune* ao outro, se transforma inevitavelmente em prisão para aqueles que ali residem. Mas o mesmo êxito se teria se nós pensássemos em “exaltar” a “transgressão” implícita na idéia de confim, simplesmente com a anulação dele. Muitas retóricas êxodo-nomádicas, muitos cosmopolitismos copiados de outros representam exatamente a outra face das claustrofobias “dos locais”. Anulando o confim, nós anulamos a idéia de *próprio corpo*, nos eximimos da compreensão de lugar como limite extremo do nosso corpo vivente – *reificamos* o lugar e impedimos toda autêntica criação da possibilidade da relação.

*Ontologicamente*, essa possibilidade pode enraizar-se somente no ser-confim do lugar, no ser o lugar “onde” os *con-fins* se tocam. Pode haver relação, já que se dá o confim. Não haverá relação, portanto, mas confusão de corpos indiferentes em um espaço homogêneo.

E, todavia, – exatamente essa parece ser a atual situação: a criação de um espaço único indiferente ao qual parecem contrapor-se identidades fechadas; na realidade, um lugar que se defina eliminando seu *limen* é um lugar que se nega e assim torna-se fator, agente daquele mesmo processo ao qual pretenderia opor-se. O lugar *idiotés*, que *fecha* em si os entes que o constituem, cujos entes não sabem se expressar ao seu limite, é *um todo* com a idéia de um espaço indiferente (não *communis*!) *a priori*. Ambos representam, de fato, o cancelamento do confim. As idolatrias dos locais<sup>5</sup> são, por um lado, produto e, por outro, cúmplices naturais da “globalização” abstrata.

Mas o único espaço “habitado” por lugares-não-lugares, por fantasmas de lugar, onde nenhum confim pode subsistir e, por isso, nenhuma relação se determina, é realmente concebível? Pode o globo ser entendido *sem polaridade*? Pode o globo assumir a imagem de uma grande planície, que pode ser percorrida livremente em todos os sentidos – uma espécie de equivalente do *espaço aéreo* (ao qual, para alguns, os mortais *terrenos* são mesmo assim destinados?) Ora, há muito tempo sabemos que a época na qual os Estados atuavam em espaços bem circunscritos, sobre *Schauplätze* aparentemente bem designados, a época da soberania territorialmente determinada acabou para sempre. Mas isso poderá significar o império de um Leviatã<sup>6</sup> desarraigado de todo fundamento ter-

---

<sup>5</sup> Ou, melhor dizendo, os rituais vazios por meio dos quais se fingem “autonomias locais” que lutam somente por ser “espaços salientes” da própria globalização (a partir do momento que essa, ainda, deve, por fim, “se fixar” “tomar forma” em algum lugar...).

<sup>6</sup> Qual forma política poderá assumir a “globalização”? Aquela de *Weltstaat* profetizada por Jünger? Mas já não é velho o termo “Estado” em relação à total imanência do domínio da Técnica? E todavia – poderá essa forma de soberania absolutamente nova evitar se *representar* politicamente, poderá dominar i-mediatamente, sem *representação* de si?

reno e capaz de resolver em si toda polaridade? Não poderia, ao invés, essa mesma época assistir ao surgir de uma nova idéia de *lugar-e-confim*?

Começamos perguntando-nos: a “crise espacial” do Leviatã contradiz “catastroficamente” a lógica do Estado moderno ou representa, ao invés, a sua realização? A universal *Mobilmachung* contemporânea é o termo da eliminação sistemática das diferenças de tempo e de lugar, que já representava a “condição transcendental” da soberania do Leviatã. A “globalização” pressupõe a redução sistemática do lugar a idiotismo indiferente e a absoluta soberania do espaço *a priori*; a “globalização” pressupõe, então, a história inteira do Estado moderno, e é por isso *ocidentalização* do planeta inteiro. A crise do Leviatã coincide com seu pleno “sucesso”.<sup>7</sup>

Portanto, o destino, a destinação última do Estado certamente não consistia no defender os próprios confins e, nem mesmo, no conceber a idéia de confim segundo os traços que elaboramos. O Estado moderno *move* em direção ao próprio ultrapassar-se e dessa maneira produz “lugares fechados”, transforma o confim em *fronteira* – fronteiras não tanto ou não mais físico-geográficas ou políticos estaduais, mas culturais, econômicas, ecológicas. A lógica imanente da “globalização” elimina os confins e multiplica as barreiras: se falta o confim, de fato, cessa a relação, que pode ter lugar somente entre *individualidades*, e a diferença, então, não pode se afirmar senão como desigualdade. E como poderia permanecer uma soberania planetária, que exhibe hoje a econômica como sua única razão, se devesse vir à tona sempre mais claramente que sua promessa de “universal participação” ao econômico bem-estar pelos habitantes do espaço global não é satisfatório? Se devesse resultar sempre mais evidente que a eliminação do confim (entendido como obstáculo, como

---

<sup>7</sup> Isso vale em geral, sob todos os aspectos. O próprio domínio da Técnica é o cumprimento do “deus artificialis”. O nexos entre construção do Estado moderno e racionalidade técnica é constitutivo. E, então, o próprio Político é o fundamento do alastramento da Técnica em seu sentido global. O “pôr do sol” do Político é inscrito na forma moderna do Político por excelência: o Estado. A época da des-politização e neutralização (Schmitt) é o destino do Político.

elemento de separação – e, portanto, ignorado na sua verdade) longe de produzir “igualdade”, produz um proletariado global, perfeitamente desarraigado? Que a eliminação do confim produz *divisões*?

O contragolpe a essas aporias da “globalização” não poderia abrir para uma nova perspectiva sobre *lugar-e-confim*? Portanto, não uma perspectiva “reacionária”, pelo contrário, o contrário: o confim, como continente estático, e o lugar, como seu conteúdo “idiota”, são a negação do confim e do lugar – e por isso fatores e produtos ao mesmo tempo da “globalização”. A idéia de lugar como do “onde”, que é capaz de alcançar o ente, expressão plena de sua forma, assume, por um lado, “tremendamente” sério a “globalização”: a quer assim até o final, até o extremo, já que não suporta nenhum limite separado do *eschaton* do corpo vivente. Por outro lado, esse corpo se constitui sempre “no limite”, nunca pode se transgredir – e é “aqui”, no seu extremo, que entra em relação com o outro, que supera toda separação. Essa idéia “concorre” com a forma da “globalização” e lhe corrói internamente o domínio. *Quem* poderá *atuar* uma igual perspectiva? Certamente não serão as potências que se estabelecem por meio de uma religião ou gnose do Um, da igualdade como eliminação do não igual. Poderia, ao invés, a Europa repensar-se e redesenhar-se segundo essa definição de confim? É ao redor do problema de seu confim que a Europa hoje, de fato, discute sobre seu destino. E sempre mais emerge desse debate que é a própria Europa a ser confim – a ser aquele lugar que tem nome, portanto, confim. A Europa deverá se decidir em que sentido, em qual direção perseguir o próprio *eschaton*. Não poderá, ainda por muito tempo, “ficar em si”. Isso lhe foi possível após a Segunda Guerra Mundial, constrita entre os dois titãs vencedores, *não europeus*. Mas também aquela época acabou. A Europa definirá seu espaço e, portanto, ela mesma, na medida em que decidirá o próprio confim. Alçar-se-á uma *fronteira* a Leste e a Sul e moverá a Oeste, será elemento e nada mais da globalização-ocidentalização de que falamos. Mover-se-á a Oriente e, contemporaneamente, ao Mediterrâneo, assumirá em si Leste e Sul, poderá ser *lugar-e-confim*, ser *confinis* e reconhecer os *confins* como essenciais à sua idéia. O seu pôr-do-sol no grande oceano ocidental seria desaparecer e basta; o seu pôr-do-

sol a Oriente e no Mediterrâneo poderia, ao invés, representar a “invenção” de seu próprio lugar<sup>8</sup>.

CACCIARI, M. Names of Place: Confines. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 13 - 22, 2005.

- ABSTRACT: *In This article we study the concept of confines and its relationship with the present time context.*
- KEYWORDS: *Confines, globalization, limits, place, space.*

---

<sup>8</sup> Isso comportaria que a “globalização” (se o globo não admitir liquidações da polaridade...) possa se definir com base nos “grandes espaços” cheios de “significados” (Schmitt). Ou a idéia de “grandes espaços” é inexoravelmente conexas à idade dos imperialistas, ou seja, ainda ao passado dos Estados e de suas guerras?